

Aqui não vais encontrar gente comum. Não depois de escurecer, por estas ruas, sob os beirais dos velhos armazéns. Sabes isso, claro. A ideia é essa. É por isso que aqui estás. Rajadas de vento vindas do rio agitam a poeira de edifícios em demolição. Junto ao paredão, vagabundos acendem fogueiras em bidões enferrujados. Podes vê-los agrupados, envoltos em toda a sorte de roupa resgatada ao lixo, casacas, camisolas ou qualquer combinação de ambas. Há camiões estacionados junto aos armazéns, alguns deles ocupados, homens que fumam na sombra, à espera que os homossexuais saiam dos bares em redor de Canal Street. Estugas o passo, embora não para escapar ao frio. Gostas deste vento cortante. Dobras uma esquina e mergulhas brevemente nele, sentindo as tuas coxas agradavelmente modeladas sob o tecido esticado. Estilhaços de vidro brilham como mica branca nos lotes vagos. O rio tem um odor a almíscar esta noite.

Virando agora para leste, deparas com quatro letras pintadas a tinta branca no flanco de um edifício. Garatujas de mestiço. ANGW. Mas que te são familiares, de algum modo, como se abrissem um buraco no tempo e te fizessem retroceder mais de vinte anos. A visita a Salzburgo. Os primos, os jogos, o museu. Quatro letras gravadas numa alabarda de cerimónia. A explicação do teu pai: *Alles nach Gottes Willen*.

Desde então, as armas tornaram-se ateístas. As armas já não são religiosas. E as crianças cresceram, descobrindo haverem percorrido curiosas distâncias. Sentes que está agora iminente, mais uma esquina, está ali alguém, um regateio silencioso que nada tem a ver com mercadorias ou sequer serviços, apenas com aquilo que verdadeiramente somos, almas que navegam noite fora, cada uma aceitando os termos das demais. Uma obscura euforia cresce a cada passo que dás.

Tudo segundo a vontade de Deus. O Deus do Corpo. O Deus do Batom e da Seda. O Deus do Náilon, do Perfume e da Sombra.

O homem conduzia um automóvel não identificado pela zona norte do Hudson. O seu companheiro dormitava no banco adjacente. Virando para oeste em direcção ao rio, Del Bravo esperava deparar com um certo cenário. Caixotes de madeira e de cartão empilhados. Um andaime armado diante de um velho edifício. Camiões e máquinas de remoção de terras. Vagabundos em torno duma fogueira. A experiência dizia-lhe que era isso o que iria encontrar.

Não esperava ver ali uma mulher. Caminhando na direcção deles, num passo agradável de ver. Tinha o cabelo comprido, de um loiro escuro, e até a vinte metros se podia via como era atraente, coisa que Del Bravo pôde confirmar à medida que ela se aproximava. Trazia um casaco preto, aberto, deixando à vista um vestido vermelho vivo.

Nenhuma prostituta no seu perfeito juízo patrulharia uma zona assim deserta. Ela dava nas vistas, sem dúvida. Se de facto era uma prostituta, não seria das que andam na rua. Um número de telefone que não vinha na lista. Um arranha-céus branco para os lados da rua 50. Para Del Bravo, que abrandou a marcha, aquela mulher era uma anomalia na paisagem. Uma visão bem-vinda, claro, mas também um pouco inquietante — algo que não encaixava na fotografia.

Depois de ela se ter cruzado com o seu automóvel, Del Bravo seguiu-a pelo retrovisor, vendo-a aproximar-se do edifício em demolição, naquele seu passo tenso e *sexy*, agradável. Uma verdadeira profissional, pensou ele. O rádio grasnou. Ele decidiu dar a volta ao quarteirão para apanhar de novo a mulher na extremidade da comprida rua. Não tendo nada melhor para fazer, quis dar-lhe outra vista de olhos.

«Acorda, Gannett.»

«Que foi?»

«Presta atenção, G. G. Quero que vejas uma coisa.»

«Onde estamos?»

«Deixa-me só acabar esta manobra.»

«Acho que estava a sonhar.»

«Onde raio se meteu ela?», disse Del Bravo.

«Estava a sonhar com rochedos. Rochedos grandes junto à praia. Eram uns rochedos enormes, gigantescos. Eu estava lá e ao mesmo tempo não estava.»

A rua estava deserta. Del Bravo avançou em marcha lenta. Não se via ninguém. Não demorara muito tempo a dar a volta ao quarteirão. À velocidade a que caminhava, a mulher devia estar a chegar a este ponto da rua.

A fogueira estava abandonada. Tinham estado uns homens à volta do lume, naquele lote vago. Viam-se ainda as brasas. Ninguém. Del Bravo considerou aquilo uma quase anomalia.

Os faróis iluminaram uma espessa poeira que parecia cair do segundo piso de um andaime erguido a meio do quarteirão. Outra possível anomalia. Ainda há minutos não se via poeira nenhuma. Agora sim. O edifício devia estar deserto. Os trabalhadores já se tinham ido embora.

«Estavas lá e ao mesmo tempo não estavas.»

«Os meus sonhos são assim, às vezes», disse Gannett.

«Quero dar uma espreitadela a este edifício.»

«Para quê, Robby?»

«Chega-me a lanterna.»

Del Bravo meteu pela estreita passagem que separava o edifício semi-demolido de um outro, a leste. Nas traseiras, verificou que as janelas estavam entaipadas, tal como as da frente. Dirigiu-se para a fachada do edifício e inspeccionou demoradamente o andaime. Sentia a poeira nos olhos e na boca. Gannett observava-o do banco da frente, com um ar ligeiramente desdenhoso.

«Não estás a pensar subir esse andaime, pois não? É que não me apetece nada sair daqui para te dar uma mão.»

«Ambos sabemos que a tua mão só serve para uma coisa.»

«Diz-me o que procuras, Robby, para que eu possa mostrar algum interesse.»

«Se conseguir chegar àquela barra, o resto é fácil.»

Del Bravo içou-se através de uma série de barras e vigas entrecruzadas até alcançar o segundo piso, a mais de cinco metros do solo. Havia ali uma janela desobstruída, utilizada para esvaziar o edifício. Del Bravo apontou a lanterna para o interior. Pranchas de soalho empilhadas e amarradas. Grandes pedaços de gesso caído. Todas as paredes haviam sido removidas. Canalizações desmanteladas. Ouviu a voz de Gannett, vinda da rua.

«O soalho pode ceder.»

A luz da lanterna revelou o corpo dela, por entre nuvens de caliça, no momento em que ele transpunha a janela. Sacou do coldre oculto sob o seu casaco de lenhador uma 38 de cano curto e passou pelo soalho o foco da lanterna. Avançou devagar, atento a possíveis pregos salientes, ao mesmo tempo que sentia, mais genericamente, a aura do local, as presenças, todo um campo de sensações indefinidas.

Ela estava deitada de costas, uma figura nítida na bruma acinzentada, com a cabeça voltada para um dos lados. Havia ainda sangue a correr-lhe numa ferida a meio do corpo, sob as costelas. A poeira levantada, a posição da cabeça, o estado das suas roupas, tudo indicava ter havido uma luta. Um luta breve, obviamente.

Del Bravo olhou em volta do corpo, tentando descobrir alguma arma. Tinha as narinas cheias de calíça e de poeira. Sentiu também um cheiro a perfume e a suor, e reparou que o rímel escorrera pelo rosto da mulher e que a sua espessa camada de maquilhagem estava quebrada em alguns pontos. Não lhe sentiu o pulso. O sangue continuava a correr. Regressou à janela.

«C. G., liga à central.»

«Que se passa?»

«Um cadáver, uma mulher.»

Percorreu todo o andar, rodeando cuidadosamente os objectos no soa-lho, para não os mudar de posição. Guardou a arma e agachou-se junto ao corpo. Ouviu Gannett a trepar pelo andaime. Resultado do que se passara ali dentro, o casaco da mulher resvalara num dos ombros e o vestido, de tecido vermelho brilhante, estava torcido para o lado esquerdo do corpo. Com isso, o sutiã ficara à vista no lado oposto e Del Rio pôde ver que o seu recheio era integralmente constituído por um chumaço.

Pondo-se de gatas, direccionou o foco para a zona do sutiã, de baixo para cima, e notou pontas escuras de pêlos recém-cortados. Sem tocar no corpo, percorreu com a luz da lanterna as suas mãos, a cara, o cabelo, o pescoço e as pernas. Gannett apareceu à janela, arfante e a resmungar. Del Bravo iluminou-lhe o caminho, vendo o companheiro aproximar-se numa postura semi-agachada, apesar do pé-direito ser de quatro metros e meio de altura. Gannett agachou-se ao seu lado.

«Que temos aqui?»

«O que temos aqui é, das duas uma, ou uma senhora com um problema hormonal — não te aproximes muito.»

«Que te parece, Robby, arma branca?»

«Sim, claramente.»

«Não parece esfaqueamento múltiplo. Só vejo uma entrada.»

«Ou um homem com um gosto estranho em roupas», disse Del Bravo.

«Tenta iluminar por baixo do cabelo.»

«Não lhe toques.»

«Diria uma entrada apenas. Admira-me este sangue todo.»

«Técnicas avançadas.»

«Que te parece, Robby, uma entrada?»

«Não me pagam para contar facadas.»

«Detesto estes crimes de sangue.»

«Tens visto muitos, não?»

«Comigo, normalmente, quem esfaqueia é a mulher. Já perdi a conta das vezes que chego ao local e vejo a mulher sentada no sofá, de ar en-

sonado, sabes, e o marido estendido no chão da cozinha com vinte e tal facadas no corpo. E a mulher ali ao lado, a dormir. Devem ficar cansadas. Todo aquele esfaquear deve deixá-las de rastros. Só apetece cobri-las com uma manta e desligar o rádio.»

«Parece que os ouço a chegar», disse Del Bravo.

«Não me perguntes porquê, mas comigo o cadáver está sempre na cozinha. Sempre.»

«Os pobres gostam de estar perto da comida.»

«Que te parece, aqui, uma entrada?»

«Não gostam de se afastar da comida, nem sequer quando se pegam à facada.»

«Se há só uma entrada, deve ter atingido algum órgão vital.»

«Sem dúvida. Para mim, foi isso.»

«Tanto sangue», disse Gannett.

«E sangue azul.»

«Azul?»

«Não mexas, G.G.»

«Estou a ver», disse Gannett. «Uma rainha.»¹

Uma meia hora depois, Del Bravo estava de pé no passeio a aquecer as mãos com o bafo. Trazia na cabeça o chapéu amarelo que normalmente andava no banco traseiro do carro. Uma ambulância, dois automóveis não identificados e dois carros-patrolha estavam parados nas imediações. Fotógrafos e pessoal das impressões digitais entravam e saíam do edifício. Um veículo de emergência chegou ao local. Segundos depois, um sargento fardado viu Del Bravo e aproximou-se dele.

«Zona de crime, amigo, afaste-se.»

«Como?»

«A área está selada.»

Com um suspiro de cansaço, Del Bravo sacou o distintivo e fixou-o ao casaco.

«Hoje em dia, não percebo, anda tudo disfarçado.»

«Eu sei, sargento.»

«Diga-me lá como é que uma pessoa há-de adivinhar quem é o polícia. Tudo à paisana. Os polícias já não se reconhecem. Drogados, ladrões de automóveis, barbas postiças, chapéus. Está um cego com um cão, vai-se a ver e é um polícia. Antigamente uma pessoa podia orientar-se pelas roupas. Mas hoje em dia já não.»

«Hoje, só pelos órgãos sexuais», respondeu Del Bravo.

Gannett aproximou-se deles, exalando vapor, os braços cruzados sobre o peito.